



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de celebração do Dia Nacional da Consciência Negra e
Lançamento da Agenda Social Quilombola**

Palácio do Planalto, 20 de novembro de 2007

Senhores e senhoras embaixadores estrangeiros acreditados junto a
meu governo,

Meu caro companheiro Arlindo Chinaglia, presidente da Câmara dos
Deputados,

Minha companheira Marisa,

Meu caro companheiro Gilberto Gil, ministro da Cultura,

Matilde Ribeiro, da Secretaria Especial de Políticas da Promoção da
Igualdade Racial,

Companheiro Celso Amorim, ministro das Relações Exteriores, e sua
companheira Ana Amorim,

Companheiro Fernando Haddad, da Educação,

Companheiro Orlando Silva, do Esporte. Orlando, foi um erro que eu
quero assumir em nome do meu protocolo, porque não é possível que no Dia
da Consciência Negra a gente não tenha mais um ministro negro aqui neste
tablado. Mas como eu não posso culpar aqueles que trabalham comigo, eu me
culpo, eu próprio assumo a responsabilidade.

Minha querida companheira Marta Suplicy, ministra do Turismo,

Meu querido companheiro Guilherme Cassel, ministro do
Desenvolvimento Agrário,

Meu companheiro Márcio Fortes, ministro das Cidades,

Luiz Dulci, da Secretaria-Geral da Presidência,

Nossa companheira Nilcéa Freire, da Secretaria Especial de Políticas
para as Mulheres,



Nosso querido companheiro Altemir Gregolin, da Secretaria Especial da Aqüicultura e Pesca,

Meu querido companheiro Paulo Vannuchi, da Secretaria Especial de Direitos Humanos,

Nossa querida Ana Júlia, governadora do estado do Pará,

Meu caro Rolf, presidente do Incra,

Companheiros prefeitos,

Companheiros secretários de estado,

Senadores Inácio Arruda e João Pedro,

Deputados federais e deputadas Carlos Abicalil, Damião Feliciano, Domingos Dutra, Janete Pietá, Vicentinho, Zezéu Ribeiro. Se faltou, não está na minha nominata, me desculpem.

Senhor Nauro Sergio Muniz Mendes, prefeito de Penalva,

Meu caro Simplício. Simplício, você não quer dar uma palavrinha não? Dois minutinhos. Vamos lá Simplício, afinal de contas você veio de tão longe. Um som aqui para o microfone do Simplício.

Simplício: Como já foi dito, a Gilvana e a Matilde estão aqui representando os quilombolas do Brasil. Para mim isso é um motivo de honra, porque em 1995, no dia 20 de novembro de 1995, a gente estava aqui, junto com o Ivo Fonseca Silva, entregando um documento ao presidente da República, que era o FHC. Já foi dito que não foi atendida a demanda, ele fez uma comissão provisória e, quando foi agora, em 20 de novembro de 2003, foi assinado o decreto 4887 onde, já foi dito, tem sido encaminhadas essas políticas públicas até chegar a esse pé.

Então, estou aqui dizendo, frente ao companheiro, ao Excelentíssimo presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Para mim é um prazer ele ter dado essa oportunidade. E quero estar dizendo para todas as pessoas que ele já falou aí, autoridades que são de governo e também as pessoas que não são do



governo, que isso para a gente é motivo de muita alegria, a gente estar acompanhando essa herança e levando isso à frente. E também estar junto com ele, que tem feito um destaque no seu segundo mandato. Só quero fazer um pedido: que ele continue nisso, na base que ele vai indo e ouvindo as pessoas, as autoridades e os amigos, brasileiros, que ele tem tudo para levar em frente o trabalho que vem trazendo até agora.

É um motivo de honra a gente estar vendo, não é uma causa minha, mas é uma causa dos brasileiros tem (inaudível) a mudança, e que ele proceda fazendo o seu trabalho com fé em Deus e também ouvindo as pessoas, para poder dar continuidade a este trabalho.

E quero dizer para vocês, irmãos quilombolas, irmãos negros, foi falado da África. Nós não pedimos para vir para cá, estamos aqui por uma causa, e essa causa nós não vamos deixar de mão, nós temos que estar cada vez mais procurando melhorá-la. E no momento, pedir ao Excelentíssimo Presidente que nós precisamos avançar mais um pouco na questão das regularizações de titulação da terra. É ou não é, quilombolas?

Essas são minhas palavras, e obrigado pela oportunidade.

Presidente: Queria cumprimentar a nossa companheira, Márcia, que está aqui representando o companheiro Patrus, do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate e à Fome.

Quero cumprimentar a companheira Noemi Uzeda, maestrina da orquestra de violino Os Cartolas, da Petrobras,

Quero cumprimentar os companheiros quilombolas, os companheiros do Movimento Negro deste País. Há quanto tempo, Bola.

Eu não vou ler o meu discurso porque toda vez que eu vou fazer um discurso por escrito e mostro ao Ministro para ver se ele concorda, ele termina citando os números que estão no meu discurso. Então, eu não vou repetir aqui.



E nem vou cobrar minha obra-símbolo da Matilde hoje, vou deixar para o ano que vem.

Mas, companheiros, primeiro quero dizer para vocês que é extremamente gratificante para mim poder participar deste Dia Nacional da Consciência Negra, vendo que nós conseguimos avançar um pouco mais. Toda conquista da Humanidade se dá ao longo do tempo, ela se dá com o acúmulo de força, com o aumento do nível de consciência das pessoas, com a agregação de aliados de outros setores participando da nossa luta. E a gente vai galgando conquistas e quando a gente vai perceber, a gente é obrigado a dizer que as nossas mães e as nossas avós, ao longo da vida, conseguiram profetizar aquela coisa: “de grão em grão a galinha enche o papo”, de grão em grão nós vamos conquistando espaços enormes para milhões e milhões de brasileiros e brasileiras, que ao longo de séculos foram segregados neste País.

É mais gratificante ainda poder perceber que a Matilde e o seu Ministério apresentaram aqui para vocês uma coisa em que eu quero que vocês prestem atenção. Foi por isso que eu não quis fazer o meu discurso, para chamar a atenção de vocês para algumas coisas importantes: não é fácil gastar 2 bilhões e 100 milhões de reais se a gente não tiver um conselho gestor que envolva a coordenação da Seppir, que envolva o movimento negro e os quilombolas em um conselho gestor que estabeleça metas para cada uma das áreas que está envolvida na elaboração desse programa.

Como é que acontecia antes? Antes, cada Ministério tinha um pedacinho de política para atender a comunidade negra, a comunidade indígena, e por aí afora. Os Ministérios não conversavam entre si. Também as empresas públicas – cada uma tem a sua política que ajuda esse ou aquele setor – não conversavam entre si. Então, você não conseguia construir uma política de Estado, você não conseguia construir uma política de governo. Era sempre a política da Codevasf, a política da Caixa Econômica, a política do Banco do Brasil, a política da Petrobras, a política da Seppir, a política da Educação,



você não tinha uma obra arquitetada e construída a ponto de dar uma “cara”. Quais são os ministérios envolvidos? São 14, levando em conta a Casa Civil e a Seppir. São 14 ministérios envolvidos, e esses 2 bilhões e 100 milhões são o somatório do que cada Ministério pode se comprometer a gastar.

Agora, prestem atenção: entre se comprometer a gastar, e gastar, é como olhar para o continente africano e achar que dá para ir a nado para lá. Não dá. Ou vai de navio, que demora dias, ou vai de avião e chega em oito horas. Se for para mais perto, chega em três horas, quatro horas, cinco horas. Só a Cabo Verde chega cedo, do Ceará chega a três horas e pouco.

Pois bem, entre dizer que tem dinheiro e gastar esse dinheiro aumenta a responsabilidade do Movimento e aumenta a responsabilidade da Seppir. A Matilde, por exemplo, vai ter que deixar de ser tão humilde e vai ter que cobrar dos outros ministros para cumprirem a tarefa que se comprometeram neste programa que está aqui. Normalmente eu já sei o que os ministros vão dizer para ela: “Não depende de mim, Matilde, depende do Ministério do Planejamento”. Então, a Matilde tem que ir ao Ministério do Planejamento. Aí, o Ministério do Planejamento vai dizer: “Olha, não depende de mim, o problema é da Fazenda, é o companheiro Guido que está segurando”. Ela vai ter que ir ao Guido. Bem, se tudo isso não for resolvido – e de preferência tudo isso tem que ser feito num dia ou em dois dias, porque se esperar a agenda dos ministros vai demorar um mês para ser atendida – se tudo isso não der certo, Matilde, aí você me procure e carinhosamente nós vamos resolver esse problema. Eu estou dizendo isso porque nesses cinco anos eu aprendi a diferença entre uma decisão e a execução. É muito demorado.

Então, o Movimento – eu quero que vocês saiam daqui com isso na cabeça – vocês esperaram mais de três séculos para começar a cobrar as coisas que vocês tinham direito. Então, aproveitem que eu tenho três anos de mandato e cobrem, porque quanto mais vocês cutucarem a Matilde, mais ela vai me cutucar e a somatória dessa “cutucação” é que vocês vão ter mais



conquistas até o final do nosso mandato. E por que é importante ter mais conquistas? É porque se o Movimento fica diluído, se a gente não faz a amarração entre a política de Estado e a organização do Movimento lá na base, garantindo direitos, o que vai acontecer? Qualquer governo desmonta isso. Qualquer governo que chegue faz um decreto e desmonta: “não tem mais isso, não tem mais aquilo, não tem mais aquilo”. Vocês vão gritar um mês, dois meses e está desmontado. É assim a história deste País. Só não se conseguiu desmontar quando o movimento organizado era muito mais forte. Um outro conselho que eu quero dar para vocês: o Estatuto da Igualdade Racial, Matilde. Ou vocês se convencem – e quero dizer isso em alto e bom som – ou vocês se convencem e aqui um recado para os deputados: ou vocês se convencem de que o Estatuto da Igualdade Racial só será aprovado quando o Movimento tiver uma única proposta, ou nós todos vamos completar 100 anos, como Oscar Niemeyer, e o Estatuto vai estar no Congresso Nacional. Ora, porque tem uma turma que quer “A”, a outra turma quer “B”, aparece uma turma querendo nem “A” e nem “B”, mas querendo “C”. Os deputados sabiamente, já pensando no próximo mandato, não querem brigar com ninguém. Não vão desagradar quem quer “A”, não vão desagradar quem quer “B”, não vão desagradar quem quer “C”. Ora, então pelo amor de Deus, amadureçam politicamente e construam, não aquilo que é o ideal para cada agrupamento, mas construam uma proposta que seja consensual, que possa permitir que haja avanço. Senão, vai ser um deputado do Movimento Negro votando contra outro deputado do Movimento Negro, porque um é da proposta “A”, o outro é da proposta “B”, o outro é da proposta “C”. Será que vocês não aprenderam, na vida inteira, que quanto mais nós divergimos mais os nossos adversários obtêm vitórias sobre nós?

Será que a gente não aprendeu... a África do Sul nos deu a lição agora. Eu duvido que os negros percam mais uma eleição na África do Sul, porque eles tomaram consciência de que são maioria e tomaram consciência de que são capazes de fazer tanto ou mais do que os brancos, nunca menos. Se nós



temos o Estatuto para ser votado, construam junto as lideranças, Matilde, deste País inteiro. Ninguém vai levar 100%, mas se a gente não tem nada e levar 80%, já é uma conquista extraordinária. Vamos deixar um pouco o teorismo na gaveta e vamos pegar a coisa prática que tem dentro do Estatuto e vamos aprovar, gente. Se isso estiver unificado, o Arlindo Chinaglia tem chance de convocar os líderes e colocar isso em votação o mais rápido possível, mas se não for assim, não vai votar.

Então, eu quero terminar a minha fala dizendo aos deputados responsáveis, aos secretários de Estado, às lideranças do movimento e à minha querida companheira Matilde que, pelo amor de Deus, vamos deixar aquilo que nos desune um pouco de lado e vamos juntar aquilo que nos une para a gente conquistar mais uma vitória para a gente consagrar isso. É a única chance de a gente aprovar, Matilde, é a única chance e isso torna o Senado e a Câmara mais palpável, mais palatável a uma proposta que venha do Movimento como um todo. Agora, se entra uma turma pela Câmara, a outra pelo Senado, uma brigando com a outra, é tudo que um político deseja: não se meter em encrenca dos outros.

Então, gente, eu tive maior noção de tudo isso quando eu fui à Ilha Gorée com o companheiro Celso, com o governo, fazer uma visita, e fui à casa em que mulheres, homens e jovens ficavam esperando o navio chegar para trazê-los para o Brasil. Eu tive mais consciência do porquê a África é um continente atrasado. A África é um continente atrasado porque durante 300 anos se tirou de lá o que tinha de melhor, e se tirou não para dar oportunidade em outro lugar, mas para segregá-los em vários países do mundo, sobretudo na nossa América. Aos poucos a gente vai avançando.

Naquilo que depende do governo é importante vocês terem clareza. Entre a gente certificar uma terra quilombola, reconhecer e poder dar o título, tem uma briga judicial que não depende da companheira Matilde, não depende do Inbra. Depende de mudar a Constituição, depende de fazer uma lei que



facilite, porque é um trabalho imenso para fazer esse reconhecimento. Ou seja, com o reconhecimento é mais fácil fazer a legalização.

Então, eu quero pedir para vocês, é quase um apelo do companheiro de vocês, presidente da República: as coisas que nós temos que fazer serão alcançadas com mais facilidade se a gente tiver a sabedoria de construir o possível. Se a gente não quiser construir, tudo fica mais difícil. Eu vou dar um exemplo: eu sei que já tem universidade no Brasil em que companheiros negros estão sendo admoestados porque são negros e estão estudando de graça, e do lado tem um branco como eu, pagando. Isso cria fissura, cria... eu tenho conversado com algumas pessoas, chamei a atenção do Fernando Haddad para ele ver o que estava acontecendo em Minas Gerais, porque neste País, toda vez que a gente tenta ajudar os mais pobres, aparece uma ciúmeira, as pessoas não estão perdendo nada, só não querem que os pobres cheguem igual a eles. E ser pobre e negro é pior ainda.

Então, eu quero que vocês compreendam que não é apenas uma questão de lei ou decisão, é uma questão cultural, é uma questão que está impregnada no nosso cérebro e isso leva tempo para mudar, leva muita conversa, não é uma coisa do dia para a noite.

Essa moça aqui, que está aqui na nossa frente, a nossa ministra Nilcéa, era reitora da Universidade Federal do Rio de Janeiro quando introduziu a quota no Rio de Janeiro. Ela sabe o que ela sofreu com os parceiros dela, porque as pessoas da boca para fora são todas democráticas, todas igualitárias, tudo é moderno, mas na hora em que chega na partilha do pão, tem cara que quer mais pão que o outro, não quer dividir, não quer repartir.

Eu sei da quantidade de jovens meninas e meninos negros que estão na universidade, jovens que não poderiam jamais entrar numa universidade se tivessem que pagar 800, 900 ou 1 mil reais a prestação. Nós, agora, estamos tentando fazer com que a média de alunos por professores nas universidades federais passe da média de 12 para 18. Com isso, a gente colocaria mais 1



milhão de alunos na universidade. E tem gente que não quer. Tem gente que não quer por quê? Porque neste País tem gente que já comeu ou está comendo, e aí fala: “dane-se aquele que não comeu. Para quê pobre quer entrar aqui? Para que tem que ter curso à noite?” Muitas vezes são companheiros, Luiz Alberto, com posições que parecem esquerdistas, mas que são mais conservadores do que o mais conservador do mundo. As pessoas não permitem um avanço.

E como eu acho que vocês estão aprendendo a conquistar passo a passo, ajudem. Primeiro, cuidem da Matilde. Nós, agora, vamos estruturar direitinho a Secretaria, porque se não estruturar vai chegar um outro presidente e, por um decreto, acaba. O Paulo Bernardo não está aqui, mas tem que ter funcionário de carreira lá na Secretaria, para que seja uma parte da máquina pública brasileira e não seja uma daquelas bolinhas de árvore de Natal pendurada na árvore, que é o nosso governo. Tem que ser a própria árvore.

A segunda coisa: vocês precisam, junto com a Matilde, montar uma equipe de gestão desse Programa e a cada mês se reunir e cobrar. O Ministério das Cidades deu dinheiro? Não deu por quê? O Guilherme passou o dinheiro? Não passou por quê? O Orlando Silva não passou? Não passou por quê? E ir em cima, porque se vocês não forem em cima, eles vão ceder para quem estiver fazendo pressão em cima deles. Então, pelo amor de Deus, olho aberto para que no final de 2010 a gente possa fazer uma festa aqui, comemorando a utilização correta da socialização do dinheiro público brasileiro.

Muito obrigado e parabéns a todos vocês por este Dia da Consciência Negra.